

VI

A Ideologia Revolucionária

SEREMOS BREVES EM EXAMINAR ESTE PROBLEMA POR dois motivos. De um lado, porque esse aspecto já foi mais exaustivamente discutido por um sem-número de analistas, e de outro, porque já examinamos no início deste trabalho o sentido fundamental da revolta estudantil: é eminentemente revolucionária, nega a sociedade industrial moderna de forma radical, não aceita nem seus valores nem suas instituições.

Arnaldo Pedroso d'Horta, que escreveu nas edições dominicais de *O Estado de São Paulo* uma extraordinária série de artigos sobre a revolta estudantil, resumiu a posição ideológica dos estudantes nos seguintes termos:

«Quais são as idéias políticas de fundo, mais comuns aos diferentes grupos de agitação estudantil? Primeiro, uma posição crítica em relação à sociedade capitalista, à escravidão dos consumidores, à manipulação dos grupos sociais pelo poder econômico, a tudo o que, segundo Marcuse, reduz o homem a uma dimensão. Em seguida, uma posição polêmica em relação aos partidos de esquerda, incapazes de encarar o capitalismo com olhos e instrumentos novos, presos a esquemas de oposição e de luta hoje esvaziados de qualquer significação. Em terceiro, uma acentuada concordância com a análise chinesa do revisionismo russo e reservas sobre o conceito de coexistência pacífica.»¹²

Esta análise salienta bem não só o caráter crítico radical da revolta estudantil, mas também sua total des-

¹² PEDROSO d'HORTA, Arnaldo, Da Escola à Luta Política, em *O Estado de São Paulo*, 24 de março de 1968.

confiança em relação aos esquemas revolucionários institucionalizados, ou seja, os partidos de esquerda. Estes partidos, inclusive senão principalmente o comunista, são fruto dessa civilização que eles negam. Pactuaram com a mesma, aceitaram as regras do jogo por ela impostos. Quando assumiram o poder, exceto no caso da China, acabaram por adotar os valores e padrões da sociedade industrial moderna. Na verdade, os partidos de esquerda, inclusive o comunista, deixaram de ser revolucionários. Não é portanto surpreendente que as lideranças estudantis, que no mundo contemporâneo estão realmente empunhando a bandeira revolucionária, rejeitem decididamente a esquerda tradicional.

Dissemos no começo deste artigo que a revolução do nosso tempo era estudantil, que eram os estudantes a força revolucionária por excelência do mundo atual. Entre as condições que estabelecemos para que isto fosse verdade, citamos a necessidade da existência de uma ideologia revolucionária que lhes orientasse a ação. À primeira vista parece que esta condição não é satisfeita. Tem sido amplamente divulgada a afirmação, sem dúvida verdadeira, de que a revolta estudantil não apresenta soluções, não tem um esquema operacional para resolver os problemas levantados. E sem dúvida isto é verdade. Conforme observa o correspondente de *O Estado de São Paulo* na França, a respeito da crise estudantil de maio de 1968:

«... a reforma universitária é apenas um primeiro passo para algo muito maior que é a reforma da sociedade. Denuncia-se tudo, mas há uma incapacidade total de definir os termos da nova sociedade que deverá substituir essa que vão destruir.»¹²

Entretanto, não podemos afirmar que os estudantes não tenham uma ideologia, por não apresentarem soluções,

¹² *O Estado de São Paulo*, 15 de maio de 1968.

esquemas feitos. Aliás, a posse de «soluções» não caracteriza em absoluto as ideologias revolucionárias. Uma ideologia revolucionária, ao contrário de uma ideologia reformista, não é construtiva, é dialeticamente destrutiva. Sua preocupação é não oferecer soluções, mas negar a sociedade estabelecida. As soluções surgirão depois, a partir da contradição e da sua prática. Surgirão das *práxis*. Na verdade,

«... os partidos não servem mais, os sindicatos estão superados, as exigências da explosão cultural são desconhecíveis, mas, ao mesmo tempo, inexistem, prontas, fórmulas substitutivas satisfatórias. Trata-se, então, de manter e fomentar o protesto enquanto protesto, dando tempo ao tempo, até que novas proposições se formulem. Mais uma vez a teoria vai nascer da ação.»¹⁴

Basta, portanto, aos estudantes, no momento, possuir uma ideologia crítica. E está aí, precisamente, o imenso poder da ideologia estudantil. Ela é radicalmente crítica, como o fora, no século passado, a teoria marxista.

E' preciso observar que, até o início da revolta estudantil, os grupos revolucionários de esquerda só possuíam a seu dispor uma ideologia revolucionária — a marxista. Ora, não obstante o imenso poder da teoria marxista — como meio de conhecimento e principalmente como meio de transformação do mundo — é preciso não esquecer que esta teoria tem mais de cem anos. *O Manifesto Comunista* já está com cento e vinte anos. Ora, daquela época para cá o mundo mudou muito. Mudou não só quantitativamente, mas também qualitativamente. Por isso, embora o método marxista continue vivo, a crítica marxista perdeu vigor. Tem ainda muita validade, mas deixou de ter aquele sentido revolucionário atuante, na medida em que o mundo a ser transformado é outro. Marx criticava o capitalismo. O capitalismo continua sem dúvida

¹⁴ PEDROSO d'HORTA, Arnaldo, A Reivindicação Cultural, em *O Estado de São Paulo*, 16 de junho de 1968.

sujeito à crítica marxista em muitos pontos. Mas esse capitalismo está tão mudado, tendo inclusive alcançado um grande grau de planejamento estatal, que não tem sentido mais repetirmos simplesmente as críticas de há cem anos. Além disso surgiu neste século, pretendendo basear-se em Marx, um sistema de governo competitivo com o capitalismo — o socialismo burocrático do tipo soviético — que, em inúmeros pontos, reproduz as características e os defeitos das economias capitalistas. Nesses termos, a velha crítica marxista ao capitalismo — então o sistema político e tecnológico dominante — perdeu atualidade. E com isso os grupos de esquerda, que continuavam a refletir sem capacidade criadora essa crítica, perderam substância.

Na hora atual, o que cabe criticar é o novo sistema político e tecnológico dominante — e este sistema é o da sociedade industrial moderna. Este sistema ainda pode ser dividido, politicamente, em capitalismo ou socialismo, na medida em que predomine a propriedade privada ou a propriedade estatal dos meios de produção — mas, tecnologicamente, este sistema é um só. E não é preciso conhecer profundamente marxismo para saber as consequências desse fato: se o modo de produção é o mesmo, embora as relações de produção ainda não sejam exatamente as mesmas, é muito provável que a superestrutura de valores e crenças — os valores e as crenças da sociedade industrial moderna — sejam muito semelhantes.

Ora, o que a revolta estudantil vem fazendo, ideologicamente, é exatamente essa crítica, não apenas do capitalismo, nem do comunismo burocrático, mas da sociedade industrial moderna, da sociedade tecnoburocrática. Embora não tenham sido os estudantes os formuladores originais dessa crítica — ela vem sendo feita por um grande número de filósofos, entre os quais, talvez arbitrariamente, pudéssemos salientar Sartre e Marcuse —, foram eles os que primeiro adotaram essa ideologia crí-

tica em termos políticos, em termos de ação política. Enquanto os demais grupos de esquerda continuavam a repetir (e deturpar) Marx, cuja filosofia racionalista foi, inclusive, em parte incorporada ou anexada à ideologia da sociedade industrial moderna, os estudantes partiam para a crítica e a negação total dessa sociedade. Conforme afirmava um *slogan* dos estudantes franceses, ao qual já nos referimos:

«A revolução que começa transformará não apenas a sociedade capitalista, como a civilização industrial.»¹⁸

O capitalismo, portanto, era apenas o alvo mais imediato dos estudantes franceses. A sociedade industrial era seu objetivo maior — porque eles perceberam que o atual sistema capitalista dos países desenvolvidos não passa de um aspecto da sociedade tecnológica. Da mesma forma, nos países socialistas, a revolta estudantil tem como objeto a sociedade industrial ou tecnológica. Apenas nesses países essa sociedade se reveste de outro aspecto, apresenta alguns problemas específicos, especialmente a declarada falta de liberdade. Como os estudantes em revolta são todos basicamente socialistas, em todos os países do mundo, revoltam-se nesses países, não contra o socialismo, mas principalmente contra uma deturpação desse sistema, que é a ditadura.

Ora, é exatamente no fato de ser o primeiro movimento político que adota como posição a crítica da sociedade industrial moderna, que reside a extraordinária originalidade e a força da ideologia estudantil que, portanto, não é o ponto fraco da revolta estudantil, mas um dos seus aspectos mais fortes, que mais legitimam pensar essa revolta em termos de uma revolução.

Mas qual é essa crítica da sociedade industrial moderna? Para respondermos a essa pergunta, devemos exa-

¹⁸ Em *O Estado de São Paulo*, 15 de maio de 1968.

minar agora algumas das características da sociedade industrial moderna, a qual, como vimos, é fruto de um extraordinário ritmo de desenvolvimento tecnológico por que vem passando o mundo. Não pretendemos, em absoluto, ser exaustivos em relação ao problema. Analisaremos apenas aqueles aspectos da sociedade industrial moderna que dizem respeito à revolução estudantil.

Herbert Marcuse é um dos críticos mais profundos e radicais da sociedade industrial moderna. Em seus livros, o filósofo alemão há muito radicado nos Estados Unidos, usando com grande liberdade de conceitos filosóficos de origem variada, do marxismo e do freudismo, faz uma análise demolidora da sociedade industrial moderna — da civilização tecnológica. O modelo em que ele se baseia é naturalmente aquele que conhece melhor, e também aquele em que a sociedade industrial alcança maior grau de desenvolvimento — os Estados Unidos. Mas sempre que possível, ele amplia o âmbito de sua análise para abranger explicitamente os demais países desenvolvidos ocidentais e os países comunistas industrializados.

A análise de Marcuse tem sido freqüentemente relacionada com a revolta estudantil. Este relacionamento parece-nos fundamentalmente válido. Mas não devemos concluir daí que as teorias de Marcuse sejam a causa da revolta estudantil. O que é a causa da revolta estudantil é a sociedade industrial que Marcuse analisa e critica, não a própria crítica de Marcuse. Pensar de outra forma seria atribuir ao filósofo uma importância que ele não tem. O número de estudantes que até hoje leu algum livro de Marcuse deve ser mínimo. Seu estilo é difícil, sua filosofia sofisticada, de forma que é inacessível à maioria dos estudantes. Além disso, até há pouco Marcuse sequer mencionava os estudantes, quando examinava as possíveis forças que poderiam se opor ao *statu quo*. Em seu livro *One — Dimensional Man*, de 1964, por exemplo, depois de demonstrar o caráter conservador dos operários, declara ele:

«Contudo, por baixo da base conservadora popular está o substrato dos párias e estranhos, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, os desempregados e os não empregáveis. Eles existem fora do processo democrático; sua existência é a mais imediata e a mais real necessidade de pôr fim às condições e instituições intoleráveis. Assim, sua oposição é revolucionária, ainda que sua consciência não o seja.»¹⁶

Não é possível, portanto, considerar as idéias de Marcuse como causa da revolta estudantil. Nem mesmo o título de ideólogo desse movimento lhe é inteiramente apropriado, já que só recentemente, depois que a revolta estudantil explodiu, é que ele passou a ver nela uma alta carga revolucionária. O grande mérito de Marcuse, porém, foi ter verbalizado uma insatisfação que todos sentem, inclusive os estudantes, com a civilização industrial tecnoburocrática.

Diz Marcuse que a sociedade industrial é uma sociedade totalitária, cujo alto desenvolvimento tecnológico permitiu que fossem artificialmente criadas necessidades nos indivíduos, que se tornaram assim manipuláveis:

«Em virtude do modo pelo qual se organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois «totalitária» não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação tecno-econômica não-terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos.»¹⁷

Pretendendo ser ideologicamente neutra, ser simplesmente técnica ou científica, a sociedade industrial é na verdade altamente ideológica, imprimindo a seus participantes a marca profunda de seus valores e crenças e roubando-lhes a liberdade íntima, a ponto de formar o «homem de uma única dimensão».

«... a cultura industrial avançada é *mais* ideológica do que a sua predecessora, visto que, atualmente, a ideologia está no próprio processo de produção. Esta proposição revela de forma provocadora os aspectos políticos da racionalidade tecnológica

¹⁶ MARCUSE, Herbert, *One-Dimensional Man — Studies in the Ideology of Advanced Industrial Societies*, 1ª edição, 1964. Edição brasileira, *Ideologia da Sociedade Industrial*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967, p. 235.

¹⁷ *Idem*, pp. 24-25.

prevalente. O aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz, «vendem» ou impõem o sistema social como um todo. Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informações trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo. Os produtos doutrina e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. E' um bom estilo de vida — muito melhor do que antes — e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa. Surge assim um padrão de *pensamento e comportamento unidimensionais*, no qual as idéias, as aspirações e os objetivos que, por seu conteúdo, transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo.»¹⁸

O resultado do surgimento desse homem unidimensional, sem qualquer real liberdade de opção, é o aparecimento de um sistema de dominação e coordenação — a sociedade industrial contemporânea, que Marcuse chama de Estado do Bem-Estar ou Estado Beligerante, que, embora pretendendo ser a culminância da racionalidade,

«é irracional como um todo. Sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das faculdades humanas; sua paz, mantida pela constante ameaça de guerra; seu crescimento, dependente da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência — individual, nacional e internacional.»¹⁹

Não pretendemos aqui fazer uma resenha da obra de Marcuse.²⁰ O acima exposto, todavia, parece-nos suficiente para que tenhamos uma idéia preliminar e geral do seu pensamento, ou seja, de sua crítica da sociedade industrial moderna. Também não temos como objetivo nesse momento fazer uma análise crítica de Marcuse. Sua acusação contra a sociedade industrial, sem dúvida brilhante, é sempre radical. Reais conquistas da humanidade

¹⁸ *Idem*, pp. 31-32.

¹⁹ *Idem*, p. 14.

²⁰ O leitor interessado, além da obra citada, deverá consultar *Eros e Civilização*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967, cujo prefácio político, escrito em 1966, é particularmente revelador das posições de Marcuse.

são transformadas em seus piores defeitos, por proporcionarem uma «consciência feliz» aos indivíduos e, assim, conterem o processo de transformação da sociedade. O próprio autor reconhece o problema ao afirmar que

«... a perda da consciência em razão das liberdades satisfatórias concedidas por uma sociedade sem liberdade favorece uma *consciência feliz* que facilita a aceitação dos malefícios dessa sociedade.»²¹

A radicalidade do pensamento de Marcuse transparece em toda a sua obra. Os valores que ele propõe como objetivos reais do homem, por exemplo, na medida em que são radicais, estão longe de ser indiscutíveis. Seu homem liberto é

«um homem suficientemente inteligente e suficientemente saudável para prescindir de todos os heróis e virtudes heróicas, um homem sem impulsos para viver perigosamente, para enfrentar o desafio; um homem com boa consciência para fazer da vida um fim em si mesmo, para viver uma vida sem medo.»²²

Finalmente, em sua luta pela revolução das consciências, Marcuse adota uma posição declaradamente utópica. Segundo ele:

«... a autodeterminação será real desde que as massas tenham sido dissolvidas em indivíduos libertos de toda propaganda, doutrinação e manipulação, capazes de conhecer e compreender os fatos e de avaliar as alternativas. Em outras palavras, a sociedade seria racional e livre desde que fosse organizada, mantida e reproduzida por um Sujeito histórico essencialmente novo.»²³

Não cabe aqui, porém, a discussão das possíveis limitações da obra de Marcuse. O que é necessário salientar é a coincidência de sua crítica com a do movimento estudantil dos países desenvolvidos. Daí sua importância irrecusável.

²¹ *Idem*, p. 85.

²² MARCUSE, Herbert, *Eros and Civilization*, 1955, prefácio da 2ª edição, 1966. Edição em português: *Eros e Civilização*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, p. 15.

²³ MARCUSE, Herbert, *Ideologia da Sociedade Industrial*, p. 231. Ver também, do mesmo autor, *Fim da Utopia, Paz e Terra*, 1969 (original alemão: *Das Ende der Utopie*).

Além da recusa radical aos valores e à estrutura da sociedade industrial tecnoburocrática, a ideologia da revolta estudantil caracteriza-se por um misto de anarquismo e marxismo e pelo idealismo denunciador de toda hipocrisia.

O sentido anárquico da rebelião dos jovens foi amplamente noticiado e discutido, especialmente por ocasião da revolta francesa de maio e junho de 1968. As bandeiras negras estavam então em toda parte. Os líderes estudantis faziam profissões de fé anárquicas. Não foi, porém, apenas na França que o anarquismo estava presente. Em praticamente todos os demais países europeus onde surgiram movimentos estudantis, as bandeiras negras compareciam.

Esta revivescência do anarquismo é perfeitamente compreensível em face ao caráter da revolta estudantil de condenação total aos valores e instituições da sociedade estabelecida. Os pequenos grupos anarquistas, que durante tanto tempo permaneceram marginalizados, dominados, nos setores de esquerda, pelos grupos marxistas, voltaram subitamente a ter uma voz ativa e poderosa. Isto porque o marxismo, devido ao seu caráter racionalista rigoroso, fruto que foi do auge do racionalismo oitocentista, e também por ter sido institucionalizado e burocratizado nos países comunistas e nos partidos comunistas dos países capitalistas —, o marxismo passava até um certo ponto a fazer parte da ordem estabelecida. O anarquismo, que jamais subiu ao poder, que sempre foi o símbolo da anti-sociedade racionalista e burocratizada, encontrava agora uma oportunidade magnífica para ressurgir. E ressurgiu, com toda intensidade, expressa no *slogan* altamente significativo: «é proibido proibir».

O anarquismo da juventude, porém, não é puro. As lideranças estudantis caracterizam-se também pelo marxismo, geralmente de linha chinesa, contra qualquer revisionismo. Conforme observa Edgar Morin, referindo-se ao principal líder dos estudantes franceses:

«Cohn-Bendit é um anarquista com toques marxistas. Ele quer uma sociedade livre, onde todos são livres e possam ser eleitos ou revogáveis, ou seja: o poder controlado pela base, onde o controle de todas as empresas é feito pela comunidade, numa espécie de democracia.»²⁴

O sentido anárquico da ideologia é claro, mas sublinha-se, também, a presença de marxismo. Este marxismo, porém, não é o ortodoxo, oficial. Conforme noticiavam as agências informativas internacionais,

«... o grupo liderado por Bendit intitula-se «os furiosos», e defende ideologia esquerdista que abrange castrismo, marxismo e anarquismo.»²⁵

E' preciso, todavia, não exagerar o significado do anarquismo, ou do marxismo castrista ou marxista da revolta estudantil. Estas posições políticas são, sem dúvida, defendidas pelas lideranças. Há, inclusive, muitos grupos católicos radicais que adotam posições nesse sentido. Em relação ao grosso dos estudantes, que participam das passeatas, das tomadas de escolas, das assembléias, não se pode pensar em linha política tão radical. O máximo que provavelmente se poderá dizer é que, nos países capitalistas, são socialistas e sentem uma profunda insatisfação com o mundo em que vivem, e nos países comunistas, defendem a liberdade que lhes é abertamente negada. A figura de Guevara é uma constante de suas passeatas, muito menos por suas idéias políticas, do que pelo fato de ele se haver transformado no herói, no exemplo de desprendimento, integridade e coragem absolutas, de um mundo moderno sem heróis. Da mesma forma, a imagem de Mao que freqüentemente aparece nos movimentos estudantis é muito mais um símbolo da negação da sociedade industrial moderna do que um sinal de concordância plena com as soluções chinesas. Mas, se é preciso não exagerar as tendências extremistas da média dos estudantes, também é preciso não cair no erro oposto, tão típico dos conservadores perplexos e atemo-

²⁴ MORIN, Edgar, em *Folha de São Paulo*, 2 de junho de 1968.

²⁵ Em *O Estado de São Paulo*, 7 de maio de 1968.

rizados com a rebelião de que são testemunhas, de imaginar o estudante um cordeiro, um inocente útil, sendo conduzido por lideranças radicais não representativas. Esta é a atitude típica de quem tem medo da verdade, ou então de quem quer justificar ações repressivas contra grupos isolados. O estudante de hoje está muito longe de ser um cordeiro. Ele possui uma capacidade de raciocínio e julgamento próprios que as gerações mais velhas não possuíam. Se as lideranças radicais encontram agora eco para as suas teses, é porque a grande maioria dos jovens decidiu protestar.

Além dessa mistura imprecisa de anarquismo e marxismo, a ideologia estudantil caracteriza-se por um idealismo extremado. Usamos aqui o termo «idealismo» em seu sentido vulgar — de possuir ideais elevados — e não em seu sentido filosófico — de alienação ou recusa de reconhecer a realidade que esteja fora das próprias idéias. E' certo que uma alta dose de idealismo em seu sentido vulgar acaba freqüentemente por implicar em um certo grau de irrealismo. Um dos cartazes afixados na Sorbonne durante a revolta de maio e junho, indicava bem essa tendência. Dizia ele simplesmente:

«Mostrem os vossos desejos de realidade.»²⁰

Não é, todavia, o idealismo a característica mais marcante da ideologia estudantil. O que talvez melhor a caracterize, além do anarquismo-marxista, é a sua autenticidade e absoluta coerência com os valores que aprenderam de seus pais e mestres, mas que estes freqüentemente não praticam. Este aspecto da ideologia estudantil foi muito bem observado por dois intelectuais italianos, Adolfo Gatti e Giorgio Spini, durante um debate de que participaram sobre o problema estudantil.

²⁰ Em *O Estado de São Paulo*, 15 de maio de 1968.

Gatti: «O que nos maravilha e nos surpreende e encanta, quando contemplamos nossos filhos, é a sua franqueza, a lealdade, uma liberdade absoluta e total de ser, que não podemos controlar. Em contraste com a realidade italiana, conformista, hipócrita, encapuçada, em contraste com a nossa própria hipocrisia, há um modo de ser franco, fresco, irracional, animal, que, a meu ver, é legítimo e justo.»

Spini: «Entendo que os movimentos estudantis não são niilistas nem destrutivos. Eles retomam impulsos morais que foram nossos e nos expulsam porque os deixamos perecer.»²⁷

Os dois depoimentos batem em uma mesma tecla: a autenticidade dos valores dos jovens, sua integridade, sua franqueza, seu repúdio a todo tipo de hipocrisia. Dissemos no início desta análise que uma característica essencial da ideologia da juventude era a crítica radical da sociedade industrial, de seus valores e crenças. Esta afirmativa precisa agora ser qualificada. O repúdio dos jovens não é a todos os valores ideais da sociedade industrial, mas à forma hipócrita pela qual eles são aplicados.

O mundo contemporâneo caracteriza-se pela profunda hipocrisia — pela incoerência entre seus valores ideais e seus valores reais, entre o desejo e a realidade. Não obstante a crise do racionalismo, alguns valores ideais tornaram-se comuns para as sociedades industriais modernas: a liberdade, a igualdade entre os homens, a necessidade de bem-estar e segurança para todos, a paz, a justiça. Não há sociedade industrial em que, desde a mais tenra infância, esses valores não sejam ensinados às crianças. Ora, estes valores são ensinados, mas não são praticados. Paz, liberdade, igualdade, justiça, bem-estar para todos são valores violados todos os dias; deturpados, usados como instrumento para se alcançar vantagens pessoais, grupais, nacionais. Além disso, são todos subordinados aos valores tecnoburocráticos maiores da eficiência e da segurança.

E é preciso observar que nem sempre isto ocorreu. Na verdade, estamos diante de mais um fato novo, que

²⁷ Publicado em *L'Espresso*, Roma, 17 de março de 1968, e transcrito em *O Estado de São Paulo*, 12 de maio de 1968.

nos ajuda não só a explicar a ideologia estudantil, mas a própria revolta estudantil. O fato novo não está na injustiça, na desigualdade, na fome, na falta de liberdade, na guerra. Estas sempre existiram. Está na incoerência, na hipocrisia. Nas sociedades tradicionais não existiam a maioria daqueles valores. Os homens eram mesmo considerados desiguais; a guerra estava longe de ser algo em princípio condenável, em muitos casos o oposto era verdadeiro; a liberdade só tinha sentido para alguns privilegiados. Nesses termos as sociedades não eram incoerentes consigo mesmas. Agora, porém, os jovens aprendem valores que se pretendem universais e no entanto esses valores continuam sendo na prática desrespeitados.

Está aí portanto mais uma causa da revolta estudantil — a incoerência intrínseca do mundo moderno —; está aí mais uma característica central da ideologia estudantil — a autenticidade, a coerência entre os valores aprendidos e os que se deseja praticar. Este é sem dúvida um aspecto a mais do idealismo dos jovens, que ainda não aprenderam a fazer compromissos. Mas como tudo na juventude de hoje é um aspecto explosivo que se constitui em uma causa nova para a revolta, para o inconformismo.

Entretanto é preciso fazer aqui uma ressalva. O idealismo estudantil está sempre correndo um grave risco: o do totalitarismo. E' exatamente esse totalitarismo da sociedade moderna um dos principais alvos da revolta estudantil. Mas, na sua refutação radical da sociedade industrial, os estudantes podem cair no mesmo erro que estão combatendo. Em seu radicalismo, os estudantes às vezes não respeitam o direito e a liberdade dos outros. Conforme observa o conhecido professor de lingüística do MIT, Noam Chomsky, referindo-se aos estudantes:

«O movimento de protesto que busca uma contestação total, e se exprime mediante iniciativas irracionais e absurdas que violam os direitos dos outros, contém em si um grave perigo. De fato ele se propõe como a única minoria iluminada, termi-

nando por arrogar-se direitos especiais: em resumo esse tipo de protesto pretende tornar-se uma nova elite de poder.»²⁸

Esta advertência é importante, embora pensemos que se aplica à minoria dentro do movimento estudantil. Dentro de um movimento estudantil mais amplo, porém, há sempre o perigo dessas minorias «totalitárias em nome da liberdade» assumirem o poder. Sem dúvida não é possível realizar-se uma revolução sem que um grupo minoritário assuma sua liderança e adote uma determinada ideologia. No momento, porém, em que a ideologia adotada for considerada a única legítima, com exclusão de todas as demais, estaremos caminhando no sentido do totalitarismo. Os estudantes, com sua ideologia aberta, e sua fé na liberdade, parecem à primeira vista distanciados desse risco. Já tem havido casos, porém, em âmbito restrito, de totalitarismo estudantil. De forma que a advertência de um intelectual de esquerda como Chomsky parece-nos perfeitamente válida.

Até o momento viemos desenvolvendo esta análise sem nos preocuparmos em distinguir a revolta dos estudantes de países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Dissemos apenas que nos dois tipos de países essas revoltas vêm ocorrendo. Não nos preocupamos em fazer essa distinção porque sustentamos que os pontos comuns são mais significativos do que as diferenças, entre os movimentos estudantis dos países desenvolvidos e dos subdesenvolvidos.

Isto ocorre fundamentalmente porque, obviamente, só há revolta estudantil em países em que há um número relativamente grande de estudantes. Ora, países desse tipo não são países subdesenvolvidos de alto a baixo. Possuem em geral quistos de desenvolvimento. São sociedades dualistas em que existe sempre um setor mo-

²⁸ CHOMSKY, Noam, em entrevista a Mauro Colamandrei. Citado por Arnaldo Pedroso d'Horta, "A Esquerda Americana", em *O Estado de São Paulo*, 2 de novembro de 1969.

dermo ao lado do tradicional. E a universidade, da mesma forma que a indústria, faz parte exatamente do setor moderno, que apresenta muitas semelhanças com os países desenvolvidos. Dessa forma, no setor urbano e moderno dos países subdesenvolvidos existe uma classe média relativamente desenvolvida; os operários, inclusive porque podem ser considerados privilegiados em relação aos trabalhadores e marginais do setor tradicional, não têm espírito revolucionário; a família patriarcal entrou em decadência; os métodos de educação e os valores são integralmente baseados nos padrões dos países desenvolvidos; já teve início um processo de massificação estudantil. Países subdesenvolvidos como o Brasil, a Argentina, a Espanha, o Chile enquadram-se nesse modelo. Em países desse tipo, portanto, as causas e características da revolta estudantil são muito semelhantes à dos países desenvolvidos.

E' preciso, todavia, fazer uma ressalva da maior importância: a ideologia, os objetivos da luta estudantil são diferentes nos países subdesenvolvidos. Nestes países não tem muito sentido falar-se em marcusismo ou mesmo em anarquismo. Não há sentido em revoltar-se contra o consumismo das sociedades ricas, em países em que a pobreza e a fome são problemas muito mais graves. Não há por que discutir-se o problema do lazer, da liberdade do homem em relação ao trabalho, quando a falta de trabalho expressa no desemprego disfarçado é um problema muito mais sério.

Durante o auge da revolta estudantil francesa, esteve no Brasil um conhecido líder anarquista. Um grupo de estudantes e intelectuais procurou avidamente entrar em contacto com o francês para uma troca de impressões. Depois de alguns minutos de debate, porém, notou-se a perplexidade e confusão dos estudantes brasileiros. O anarquista francês falava dos êxitos econômicos da França, da melhoria do padrão de vida que ali havia ocorrido, e partia daí para desenvolver sua crítica à sociedade industrial. Ora, no Brasil, como nos demais países subdesenvolvidos, o objetivo é chegar à condição de sociedade industrial moderna...

Nesses termos, a ideologia dos estudantes dos países desenvolvidos não pode ser confundida com a dos estudantes dos países subdesenvolvidos, a não ser em um ponto: ambas criticam de forma radical a ordem estabelecida. O conteúdo dessa crítica, porém, é diverso. Os estudantes protestam contra a ditadura, o imperialismo, a ineficiência do governo, a baixa qualidade do ensino, pela liberdade de associação e expressão dos estudantes, pela reforma universitária com maior participação estudantil, etc.

Vemos, portanto, que a ideologia estudantil dos países desenvolvidos não está sendo simplesmente transplantada para os países subdesenvolvidos. Se isto ocorresse, a autenticidade e profundidade do movimento, asseguradas pelas causas comuns a países desenvolvidos e subdesenvolvidos a que já nos referimos, seriam profundamente comprometidas.